

Alou?

Alou? Vocês mortos, vivem?

Alou? Eu poderia falar com o Dias?

Sim, é Dias, não Deus. Algumas vogais mudam tudo. Aliás, é alou com "u" mesmo. E sempre com um silêncio depois. É um robô, eu acho. Deve ser. Sempre é.

Dias, queria saber se ainda é possível ser silencioso, você tem alguma ideia?

Dias, em 2021 me sinto mais solitário do que em 2020. Mas essa é outra carta...

Desculpe o mau jeito, ninguém mais me liga, a não ser robôs procurando algum outro nome que não o meu. E eu sempre atendo, fico quieto a me perguntar quem foi que gravou aquela voz que dá alou para todo mundo e se ela sobreviveu a esses anos, ou se é uma voz que agora fala comigo do além-túmulo. No mesmo aparelho celular, vejo que a rede social do artista ganhou dez mil seguidores uma semana após sua morte e me lembro que o Facebook fez de tudo para que eu transformasse a página da minha mãe morta em um memorial para ela. Em janeiro de 2018, antes da pandemia, o Facebook era o cemitério de 50 milhões de pessoas-perfis-lápides. Hoje, penso nas redes sociais, nesses aparelhos que somos obrigados a trocar a cada ano como gigantescos cemitérios móveis, nos quais ficamos esperando alguma mensagem do além na forma de direct. Será que é por isso que eles ficam cada dia mais caros? Lembro também que fiquei chocado com o valor dos metros de terra para enterrar o corpo da minha mãe, então talvez os celulares também encareçam pelo peso crescentes de suas lápides virtuais.

A Lygia Clark que, mais velha, parecia minha avó paterna mais nova, também deu um alou para o vazio quando escreveu uma linda carta para um artista já morto, uma carta que hoje virou bibliografia básica dos cursos de artes. Lygia Clark escreveu para um Mondrian morto porque aprendeu mesmo a gostar dele ou porque não tinha ninguém vivo com quem ela pudesse falar? Talvez ela soubesse que a arte precisa falar mais com os mortos do que com os vivos para conseguir se descolar de seu tempo. Talvez ela também soubesse que é preciso forçar a comunicação com os estranhos, com aqueles que você não tem nada a ver, forçando-se a gostar deles, a ouvi-los. A carta, o telefonema e a mensagem de voz longuíssima ouvida em tempo dobrado não poderiam ser também um modo de fazer as pazes com quem já não está mais?

É claro, se eu te dissesse que se comunicar com fantasmas deveria ser a função primeira da arte, você riria de mim. Mas e ela que morreu? E ele que tirou a vida? E isso que acaba bem quando o mundo recomeça? E aquilo que desaparece quando ia explodir?

Explico: eu, pessoalmente, nunca acreditei muito no poder de transformação da arte. Pega mal, eu sei, talvez você já esteja passando para a próxima ligação. Mas acho que é por isso mesmo que tento falar contigo. Para mim, arte é uma espécie de tubo de ensaio, de liquidificador, só que operada mais por uma criança do que por um cientista. Não há uma fórmula ou receita do que geraria um mundo melhor (caso houvesse, seríamos péssimos na medida) e mesmo o desejo de gerá-lo não parece ser o suficiente. A gente junta umas coisas, aproxima outras com intenções mais ou menos claras e confia que aquele lugar qualquer será nossa terra por um tempo. Para isso, é preciso menos acreditar no mundo de amanhã e mais falar com o que já se desfez ontem. Falar com o invisível sem esperar por resposta. Hilda Hilst tentando achar a Clarice Lispector no além, tendo nada com o que se expressar junto da obrigação de expressar. E os fantasmas não vão se transformar, sabemos disso. Eles já largaram a matéria: o mundo das coisas que se vire. Então, nessa conversa, não há poder de transformação. Há tentativa, talvez em vão.

No momento em que falo, parece que, enfim, saímos daquilo que apenas deveria durar 14 dias. Um momento de retorno como esse deveria ser um momento de celebração dos encontros (e talvez esteja sendo mesmo, me parece). Mas eu sinto esse retorno amargo, como se estivéssemos fingindo termos sido tragados de volta para 2019, revivendo, ao mesmo tempo, todos os que se foram e jogando para debaixo do tapete o trauma desses quase dois anos de frustração e impasse em tantos âmbitos da vida, os sobe e desce, chove-não-molha, do edredom ao edredom. Lembro-me dos textos quase diários dos primeiros dias que prometiam que sairíamos diferentes dessa, que entenderíamos tudo. Eu tento ouvir aqueles que não tiveram tempo de falar e prometer esse mundo melhor.

Mas a arte não deixa barato, como de costume. Indo essa semana para a casa de minha vó, tomada pela cegueira ao longo desses 22 meses fora do mundo, dei-me conta que esse momento marca, para mim, muito mais uma celebração da solidão do que uma celebração do reencontro. Quando cheguei, minha vó sabia que eu e meu marido estávamos lá; chorou de emoção e nos abraçou, mas não viu os mesmos corpos que via em 2019. Falava várias vezes: “só vejo seus vultos”. Acho que ela nomeou bem a

situação toda: rever, nesse momento, envolve perceber que não se vê bem, ou que o que se vê é necessariamente outra coisa, moldada em um país no qual houve um dia em que anoiteceu muito cedo e outro em que um museu pegou fogo. Isso cria uma camada de cinzas que não se dissolve e cria algo permanente entre o corpo que olha e o corpo que é olhado. Esse algo, máscara cinza plástico invisível, distancia-me daquilo que eu veria, torna-me mais solitário que antes. Talvez por isso essa questão da solidão tenha me tomado há algum tempo. Não é solidão, é *solitude*, pois há também alguma paz no reconhecimento desse espaço.

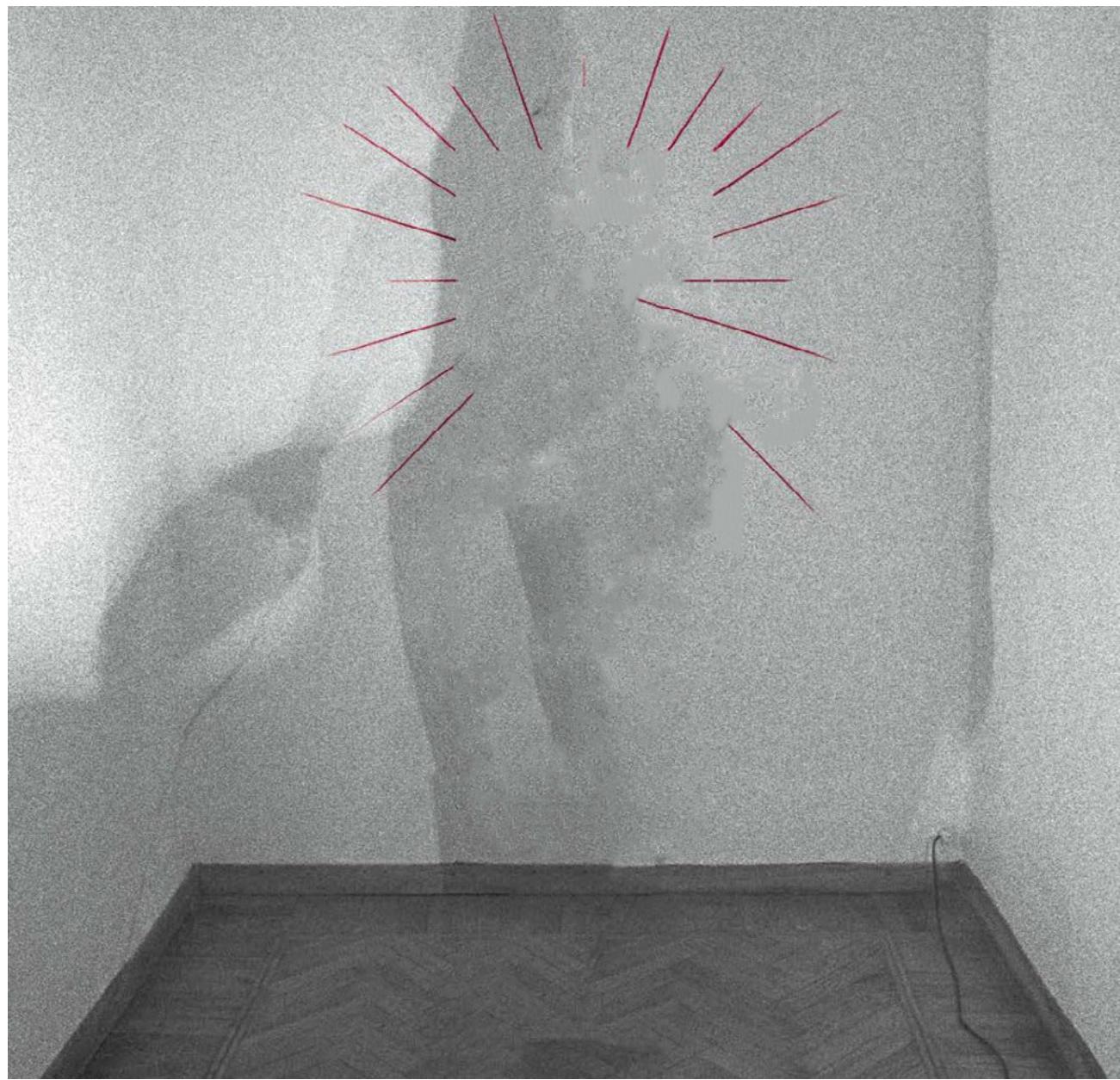
Entre esparsas conversas eufóricas e abraços desajeitados em aberturas de exposição, na qual reafirmamos estarmos vivos e nos surpreendemos pelo fato de que a pessoa que nos ouve também está, ando pelos espaços expositivos mais só do que antes. Na última live que fiz, estava sentado, só, em um teatro de centenas de lugares ao lado de diversas câmeras, imaginando quem ou o que poderia estar vendo aquela imagem transmitida, mais chapada, atrasada e com menos cor. Eu, dirigindo só na plateia; o performer atuando para alguém que não eu; o público solitário ou em pequenos núcleos em suas casas.

É a morte que nos conta tudo, silenciosa palestrante: a ausência das pessoas, em dado momento, nos coloca em encontro com a solidão. Novamente: não é solidão, pois há um certo acerto de contas, uma calma estranha. Descobre-se ela nos fins, como quando Paul Auster ou Roland Barthes tentaram compreender a morte de seus pais através das fotos que restaram nas casas vazias, pinçados por algo estranho e sem nome entre a vida e a morte. Foi também aquela morte no meio da tarde que me causou um baque profundo, como se um corredor, somente após tropeçar, soubesse que sua queda seria menor se tivesse andado mais devagar. Mas o que aconteceu foi um mergulho na noite escura, em meio a pontos como estrelas, com o corpo jogado em lugar nenhum, esperando voltar para a terra.

Vejo essa superfície preta e dura e lembro que foi você quem disse que o caminho da arte era muito complicado, muito difícil. Parece que posso entrar nessa superfície, mas é só impressão. É uma tela com tinta acima, um universo todo de durezas e limites. Você, com seus teatrinhos de cimento. Você, no Nepal. Você, que disse que lá a obra era sua forma de se comunicar sem a proximidade da língua. Você, que faz pessoas chorarem em uma Bienal lotada de esperança e leveza e resiliência de pedras. Talvez por isso você precise de uma sala só sua, como se não

fizesse parte daquilo tudo, como se já tivesse se despedido daquela esperança e mergulhado num retangular abismo preto.

E esse retangular abismo preto, quem diria, espelha-se em outro, muito recente. Por conta da morte recente de Jaider Esbell, Denilson Baniwa solicitou que todas as suas obras em exposição fossem encobertas por um pano preto, como símbolo do seu luto. Essa dor de hoje espelha algumas imagens da nossa história da arte brasileira. Olho para essas pinturas veladas pelo luto e lembro-me não apenas das suas telas de infinito preto, mas também “Repressão outra vez: eis o saldo” do outro Antonio, o Manuel, ainda vivo. A tela preta do luto, a tela preta da censura, a tela preta do infinito. Obras nas quais a comunicação está interrompida, nas quais fica claro que não falamos a mesma língua, nas quais é preciso aceitar o silêncio e a fuga. E se Manuel ainda acreditava que um gesto podia revelar aquilo que estava escondido, dando dimensão ativa ao encobrimento da censura e fazendo ver os jornais, acho que agora a questão é outra. Trata-se de aceitar esse não ver, a retração, o que se cobre sobre o véu ou pede para ser ou ser mantido coberto. Seiscentas e dez mil pessoas atrás de nós e que não nos deixarão tão facilmente e também outras, por outros motivos, também atrás de nós, todas elas a sussurrar algo incompreensível. Nós andando para frente, elas e eles sussurrando nas nossas costas. Nós construindo territórios e o ar destruindo, lentamente, os belos monumentos.



Hellow?

Hellow? You, the dead, do you live?

Helooooow? Could I speak to Dias?

Yes, it's Dias, not God. A few vowels change everything. By the way, it's hellow with "w". And always followed by silence. It's a robot, I think. Must be. It always is.

Dias, I wanted to know if it is still possible to be silent, do you have any idea?

Dias, in 2021 I feel lonelier than in 2020. But that's for another letter...

Sorry for the hassle, nobody calls me anymore, except for robots looking for some other name than mine. And I always answer, silently wondering who recorded the voice that says hello to everyone and if it survived these years, or if it's a voice that now speaks to me from beyond the grave. On the same mobile device, I see that the artist's social network gained ten thousand followers a week after his death and I remember that Facebook did everything to make me turn my dead mother's page into a memorial to her. In January 2018, before the pandemic, Facebook was the graveyard of 50 million people-profiles-tombstones. Today, I think of social networks, of those devices that we are forced to trade in every year like gigantic mobile cemeteries, on which we wait for some message from the beyond in the form of a dm. Is that why they are getting more and more expensive? I also remember that I was shocked by the cost of square footage of earth to bury my mother's body, so maybe cell phones are also becoming more expensive due to the growing weight of their virtual tombstones.

Lygia Clark, who, when older, looked like my younger paternal grandmother, also said hello to the void when she wrote a beautiful letter to a dead artist, a letter that today has become a basic bibliography for art courses. Did Lygia Clark write to a dead Mondrian because she really learned to like him or was it because she didn't have anyone alive to talk to? Perhaps she knew that art needs to speak more to the dead than to the living in order to detach itself from its time. Maybe she also knew that you have to force communication with strangers, with those you have nothing to do with, forcing yourself to like them, to listen to them. Couldn't the letter, the phone call and the very long voice message heard in fast-forward also be a way of making peace with those who are no longer there?

Of course, if I told you that communicating with ghosts should be the primary function of art, you would laugh at me. But what about she who died? And he who took his life? And this, that ends well when the world begins again? And that, that disappears when the world was going to explode?

Let me explain: I, personally, never really believed in the transforming power of art. It's bad, I know, maybe you're already moving on to the next call. But I think that's why I try to talk to you. For me, art is a kind of test tube, a blender, only operated by a child rather than a scientist. There is no formula or recipe for what would generate a better world (if there were, we would be terrible at measurements) and even the desire to generate it doesn't seem to be enough. We put things together, bring others together with intentions that are more or less clear and trust that that random place will serve as our land for a while. For this, it is less necessary to believe in the world of tomorrow and more necessary to speak with what was undone yesterday. To talk to the invisible without waiting for an answer. Hilda Hilst trying to find Clarice Lispector in the beyond, having nothing with which to express herself along with the obligation to express. And ghosts won't change, we know that. They've already left matter behind: the world of things can figure it out alone. So in this conversation, there is no power of transformation. There is an attempt, perhaps in vain.

As I speak, it seems that we are finally out of what was only supposed to last 14 days. A moment of return like this should be a moment of celebration of encounters (and maybe it is, it seems to me). But I feel this bitter return, as if we were pretending to have been dragged back to 2019, reliving, at the same time, all those who left and throwing under the rug the trauma of these almost two years of frustration and impasse in so many areas of life. life, it goes up and down, it doesn't rain, from duvet to duvet. I remember the almost daily texts of the first days that promised that we would come out different from this one, that we would understand everything. I try to listen to those who haven't had time to speak up and to promise this better world.

But, as usual, art doesn't let you off easy. Going to my grandmother's house this week, who was taken by blindness during these 22 months out of the world, I realized that this moment marks, for me, much more a celebration of solitude than a celebration of reunion. When I arrived, my grandmother knew that my husband and I were there; she cried with

emotion and hugged us, but she didn't see the same bodies she saw in 2019. She said several times: "I only see your shapes". I think she named the whole situation well: seeing again, at this moment, involves realizing that you don't see well, or that what you see is necessarily something else, shaped in a country where there was a day when it got dark very early and another in which a museum caught fire. This creates a layer of ash that does not dissolve and that creates something permanent between the body who looks and the body being looked at. That something, an invisible plastic gray mask, distances me from what I would see, makes me lonelier than before. Maybe that's why this issue of solitude has taken hold of me for some time. It is not *loneliness*, it is *solitude*, for there is also some peace in the recognition of that space.

Amid scattered euphoric conversations and awkward hugs at exhibition openings, in which we reaffirm that we are alive and are surprised by the fact that the person listening to us is too, I walk through the exhibition spaces more alone than before. In the last Instagram live I did, I was sitting, alone, in a theater with hundreds of seats next to several cameras, imagining who or what could be seeing that transmitted image, which had less depth, was lagging and with less color. Me, directing only in the audience; the performer acting for someone other than me; the public alone or in small groups in their homes.

It is death that tells us everything, the silent speaker: the absence of people, at a given moment, puts us in an encounter with solitude. Again: it is not solitude, for there is a certain settling of accounts, a strange calm. It is discovered at the end, as when Paul Auster or Roland Barthes tried to understand the death of their parents through the photos that remained in the empty houses, caught by something strange and without a name between life and death. It was also that mid-afternoon death that struck me deeply, like a runner who, only after tripping, became aware that his fall would have been shorter if only he had walked more slowly. But what happened was a plunge into the dark night, amid fragments like stars, with the body lying nowhere, waiting to return to earth.

I see this black and hard surface and I remember that you were the one who said that the path of art was very complicated, very difficult. It feels like I can enter that surface, but it's just an impression. It's a canvas with ink above it, a whole universe of hardships and limits. You, with your cement theaters. You, in Nepal. You, who said that there the

work was your way of communicating without the proximity of language. You, who make people cry in a Bienal full of hope and lightness and stone resilience. Maybe that's why you need a room of your own, as if you weren't part of it all, as if you had already said goodbye to that hope and plunged into a rectangular black abyss.

And this rectangular black abyss, who would have thought, is mirrored in another, very recent one. Due to the recent death of Jaider Esbell, Denilson Baniwa requested that all his works on display be covered by a black cloth, as a symbol of his mourning. This pain today mirrors some images from our history of Brazilian art. I look at these paintings veiled by mourning and I remember not only his canvases of infinite black, but also "Repressão outra vez: eis o saldo" by the other Antonio, Manuel, the one who is still alive. The black canvas of grief, the black canvas of censorship, the black canvas of infinity. Works in which communication is interrupted, in which it is clear that we do not speak the same language, in which it is necessary to accept silence and escape. And if Manuel still believed that a gesture could reveal what was hidden, giving an active dimension to the cover-up of censorship and making newspapers visible, I now think the issue has changed. It is about accepting this non-seeing, the withdrawal, what asks to be covered or to remain covered by the veil. Six hundred and ten thousand people behind us who won't leave us so easily, and also others, for other reasons, also behind us, all of them whispering something incomprehensible. Us walking forward, them whispering behind our backs. Us building territories and the air slowly destroying the beautiful monuments.